

redigido por Pedro Taques de Almeida Alvim que, quando estudante, dirigia o *Clarim Saquarema*, órgão conservador, a que se opunha *O Meteoro*, órgão liberal. Aderiu logo à *conciliação*, apoiando o governo do conselheiro Saraiva na província e publicando matéria oficial e, desde 1855, os debates da Assembléia. Apareceu como diário, até julho de 1855, tornou-se bissemanal daí até 1858, quando retomou a saída diária. Em seu primeiro número, de 26 de junho de 1854, apresentava-se como imparcial e informava que as assinaturas anuais custariam 12\$000 na capital e 16\$000 no interior. Trazia informações do Senado e da Câmara e do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Transcrevia artigo de jornal francês sobre Maria Quitéria. Contava da existência de macróbio mineiro, nascido em 1747, com 14 filhos, 160 netos, 70 bisnetos e 5 tataranetos. Fornecia o preço dos gêneros de exportação em Santos. Noticiava a posse do dr. Antônio José Saraiva na presidência da província, a peça teatral em cartaz, falecimentos, bailes, fundação de irmandade. Desculpava-se por ter atrasado um pouco a saída desse número inicial, prometendo aparecer, daí por diante, “até o fechar da noite”, e manter e distribuir regularmente o jornal, com dois agentes. Só se tornou matutino mais tarde. Em 1863, passou a ser impresso pela primeira máquina de aço que a imprensa paulista conheceu, uma *Alauzet*; antes era impresso em prelo de pau, movido a mão; a partir de 1869, essa máquina foi movida a vapor. A tiragem era de 450 exemplares, até 1863; subiu a 700, nesse ano; a 850, em 1869. Apesar de suas inovações, amparadas certamente no bafejo oficial, tinha também tropeços: certa vez teve de interromper a circulação por uma semana, em consequência da falta de papel.

Em 1869, terminou a *conciliação*; separaram-se liberais e conservadores. Por influência de Américo de Campos, o *Correio Paulistano* ficou com os liberais. No meio destes surgiria, no ano seguinte, a ala radical que viria a apontar a República, em manifesto, como saída para a situação do país: os clubes radicais começaram a transformar-se em clubes republicanos. Pois foi nesse ano de 1869, justamente, que *O Ipiranga* deixou de circular, a 12 de dezembro, quando dirigido por Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes. Mendonça apresentou, para a decisão, análise desalentada: “... a obra do jornalismo, no Brasil, onde a imprensa vegeta sob o peso dos grandes salários do pessoal tipográfico ainda escasso, do custo exorbitante do papel e outros materiais importados e, mais que tudo, do gravoso porte de circulação, verdadeiras asas de chumbo postas à ave transmissora do pensamento, a obra do jornalismo, no Brasil, requer pesados sacrifícios pecuniários. Aos produtos desta sagrada indústria escasseiam consumido-